



RELICI

O PERTENCIMENTO EM FRANCISCO, ARAUTO DE DEUS (1950) EM PARALELO COM PRINCESA MONONOKE (1997)¹

*BELONGING IN THE FLOWERS OF ST. FRANCIS (1950) IN PARALLEL WITH
PRINCESS MONONOKE (1997)*

Rafael Elias dos Santos²

Francisco, Arauto de Deus (1950), dirigido por Roberto Rossellini e coescrito por Federico Fellini, narra, em diversos capítulos curtos, acontecimentos da vida de São Francisco de Assis e dos primeiros membros da ordem franciscana.

O filme possui uma beleza singular na apresentação dessas narrativas, onde a forma e conteúdo trabalham juntos para refletir os ensinamentos de São Francisco, especialmente a ideia de pertencimento do ser humano ao mundo — seja na natureza, na sociedade ou na espiritualidade.

PERTENCIMENTO E HARMONIA NO CONTEÚDO E NA FORMA

O filme se inicia com a leitura do *Cântico das Criaturas*, o que possibilita essa interpretação que considera a importância da relação entre a natureza, a eternidade e a existência humana, tanto individual, quanto coletiva. Todos os acontecimentos narrados parecem refletir a busca pela harmonia entre essas diferentes dimensões do cosmos, como ensinado por São Francisco.

Essa interação de tudo está demarcada em muitos elementos do sistema formal, dentre eles a composição dos planos. Na maior parte deles, existe uma interação entre os personagens e a natureza, em composições que aproximam, interpõem e até mesmo combinam ambos. Essa escolha para construir a *mise en*

¹ Recebido em 17/02/2025. Aprovado em 06/03/2025. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.15698575

² Universidade Tecnológica Federal do Paraná. rafael.elias939@gmail.com



RELICI

scène reforça o efeito proposto pelos ensinamentos de São Francisco, uma irmandade entre o ser humano e a natureza.

O sentimento de fraternidade não se limita à relação entre o humano e a natureza; ele se estende para as relações sociais, em especial entre os freis. Essa sensação parece ser reforçada pela proximidade entre os atores na maioria dos planos; os monges estão frequentemente juntos e seus movimentos ocorrem em conjunto em diversas cenas.

Esse é outro aspecto que parece colaborar para o sentido de interconexão entre os elementos do mundo: o movimento. A composição dos planos e das cenas utiliza, de forma integrada e contínua, pelo menos quatro tipos de movimento: os do indivíduo, do grupo, da natureza e da câmera.

Esse uso combinado e constante do movimento, em especial dos elementos da natureza, como a água, o fogo e o vento, lembra o estilo de Akira Kurosawa, que frequentemente criava sentidos narrativos e emocionais por meio da interação entre diferentes movimentos em seus filmes.

Outro elemento formal que colabora com essa proposta de efeito ao longo do filme são os sons, sejam os sons da natureza ou as músicas, eles estão sempre presentes e em harmonia com os elementos visuais de cada plano, reforçando a sensação de pertencimento.

Um dos aspectos mais marcantes do filme é a simplicidade, que não está apenas nas palavras e ações de São Francisco, mas reflete em todo o sistema formal, desde os cenários e figurinos até as atuações, feitas por monges que não eram atores profissionais. Essa era uma das características do neorrealismo italiano e que, nesse caso em específico, pela temática religiosa, lembra *O Evangelho Segundo São Mateus* (1964), de Pier Paolo Pasolini, pelo efeito de aproximação mais direta da realidade, da população comum e das classes populares.

A simplicidade, os pequenos gestos, a chuva, o trabalho, o amor pelos outros, o sofrimento pelos outros, os pássaros, o vento que move as folhas das árvores, tudo



RELICI

tem valor em cada plano, tudo ganha um significado maior quando enxergado pela ótica de eternidade proposta pelo filme. O mundo torna-se um milagre divino.

O OPOSTO E SEU INVERSO

Entretanto, mesmo que esse efeito pareça o objetivo do filme como unidade, existem alguns momentos em que o seu oposto é apresentado. Isso ocorre principalmente na narrativa em que Frei Ginepro é protagonista, ele é um personagem de bom coração, mas muito inocente, que causa problemas constantes para São Francisco. Nesse capítulo, ele tenta convencer um líder guerreiro tirano a retirar suas tropas de um acampamento próximo.

Logo no primeiro plano do acampamento, há uma quebra do efeito proposto até o momento: somos apresentados a uma pilha de ossos e restos de animais. Esse elemento simboliza uma ruptura da conexão harmônica entre a natureza e a vida humana, um contraste com a proposta central do filme. Após essa apresentação, presenciamos uma briga entre alguns soldados, onde a violência é utilizada como uma forma de diversão. Essa violência, além de simbolizar a desarmonia entre os homens — para além da com a natureza — reforça a oposição à harmonia e paz que São Francisco prega e que o filme busca representar.

Outro elemento que reforça a desarmonia dessa sequência e que contrasta com o seu uso anterior são os sons. Enquanto na maior parte do filme os sons são utilizados para reforçar a conexão entre os elementos da existência e criar uma atmosfera harmoniosa, a sequência do acampamento subverte essa lógica. À medida que Frei Ginepro é maltratado e ridicularizado pelos soldados, o som torna-se barulho, fica cada vez mais alto e caótico, intensificando o efeito de dissonância e a quebra de harmonia que a sequência representa.

Entretanto, a narrativa apresenta um desfecho que destaca a possibilidade de transformação. Frei Ginepro, mesmo com os desafios e a hostilidade do acampamento, consegue convencer o líder tirano a desistir da batalha que parecia se



RELICI

encaminhar. Ele não alcança esse objetivo por meio de confrontos, mas apenas pelo exemplo, como ensinava São Francisco.

Dessa forma, toda essa sequência pode ser interpretada como uma representação da dicotomia entre paz e violência, da harmonia e da desarmonia. Além disso, há a sugestão de que existe uma possibilidade da paz se sobressair a violência, de que, mesmo onde reina a desarmonia, a transformação ainda é possível. O amor é a mais poderosa das armas.

Essa busca pela paz, seja ela entre os humanos ou com a natureza, é retomada na cena final do filme, em que São Francisco envia seus irmãos para pregar para o mundo, destacando a importância de promoverem a paz.

A CONDIÇÃO HUMANA

Essas temáticas de *Francisco, Arauto de Deus* (1950) — pertencimento, harmonia entre o humano, a natureza e o espiritual, e a dicotomia entre paz e violência — são relevantes para toda a humanidade e estão presentes em outra obra, que, a princípio, parece muito distante: *Princesa Mononoke* (1997) de Hayao Miyazaki.

Para além das belíssimas composições de planos, ambas as obras exploram, mesmo que de forma muito diferente, a interação entre o humano, a natureza e o espiritual, destacando a necessidade de equilíbrio e convivência harmoniosa.

Em *Princesa Mononoke* (1997), os elementos da espiritualidade não estão apenas presentes na natureza como certa forma de imanência, pela sua criação e sustentação, mas eles se materializam; os deuses e espíritos tomam forma tangível como reflexo e elemento constituinte do mundo natural, em sua profunda relação e, nesse caso, conflito com a humanidade. A ligação entre essas três dimensões, como proposta por São Francisco de Assis, torna-se visível, mesmo que em tradição religiosa e cultural completamente distinta.

Outro ponto central de *Princesa Mononoke* (1997), é a oposição entre a violência, o ódio, e a paz, que ocorre por meio de um conflito entre os seres humanos, o progresso e a modernização, e a natureza. A violência não é um elemento muito



RELICI

presente nos filmes do Studio Ghibli, especialmente da forma mais visceral com que aparece em alguns momentos desse filme. Porém, aqui, ela exerce a importante função narrativa de destacar essa oposição.

Além do conflito central entre os humanos e a natureza, *Princesa Mononoke* (1997) também apresenta batalhas entre os próprios humanos. O ponto em comum entre ambos os tipos de conflito é o caos criado pela violência. Isso se assemelha ao que é apresentado na sequência do acampamento em *Francisco, Arauto de Deus*, onde o caos é visual e sensorialmente construído como contraponto ao efeito de pertencimento proposto pelo filme.

Inclusive, os cenários de ambas as obras também reforçam essas temáticas. As formas pontiagudas e agressivas do acampamento em *Francisco, Arauto de Deus* (1950) encontram um paralelo visual na refinaria de *Princesa Mononoke* (1997), ambas colaboram para criar uma atmosfera de conflito e desarmonia.

Na animação, as cores também ajudam a construir esse efeito narrativo, por destacarem a oposição entre a floresta e a refinaria. A paleta de cores da floresta possui tons mais vivos e um visual dinâmico, enquanto a refinaria é composta majoritariamente de tons cinzentos e alguns poucos tons terrosos, tal qual a montanha ao seu lado, em que as árvores foram cortadas. Essas diferenças acentuam o contraste entre vitalidade e destruição.

Além disso, a combinação das cores e dos outros elementos visuais que compõem os planos da refinaria também contrastam com a aldeia natal do protagonista, príncipe Ashitaka, onde a composição é muito mais harmônica entre os elementos humanos e da natureza, o que sugere uma maior integração entre ambos.

Cabe também ressaltar o papel do príncipe Ashitaka como uma espécie de intermediário da paz, uma força externa que foi necessária para quebrar o ciclo do ódio. Outras obras parecem sugerir ciclos de ódio similares, onde parece impossível extinguir a violência, a não ser por meio de uma mudança estrutural ou uma intervenção externa. Nesse sentido, a ideia que parece proposta lembra *La Haine*, O



RELICI

Ódio (1995), de Mathieu Kassovitz, que apresenta um ciclo similar, mesmo que em um contexto completamente diferente e com uma resolução trágica.

Assim, a busca de Ashitaka para superar o ciclo de ódio em *Princesa Mononoke* (1997) parece similar à busca de São Francisco e seus irmãos pela promoção da paz. Ambos simbolizam uma possibilidade de transformação e reconciliação, mesmo em meio a contextos adversos.

Essas possibilidades de delimitar semelhanças entre filmes tão distantes ajudam a revelar a universalidade da condição humana. É possível notar sentidos muito similares, conflitos e amores parecidos, em contextos muito diferentes, tanto no espaço e no tempo, quanto na cultura e religião. Ambas as obras parecem apontar para a mesma direção: a busca pela paz e pela harmonia entre a humanidade e a natureza representa uma vitória do amor sobre o ódio.

REFERÊNCIAS

FRANCISCO, ARAUTO DE DEUS. Direção: Roberto Rossellini. Produção: Angelo Rizzoli. Roteiro: Roberto Rossellini e Federico Fellini. 1950.

O EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS. Direção: Pier Paolo Pasolini. Produção: Alfredo Bini. Roteiro: Pier Paolo Pasolini. Arco Film, Lux Compagnie e Cinématographique, 1964.

O ÓDIO. Direção: Mathieu Kassovitz. Produção: Christophe Rossignon. Roteiro: Mathieu Kassovitz. [S. l.: s. n.], 1995. a.

PRINCESA MONONOKE. Direção: Hayao Miyazaki. Produção: Toshio Suzuki. Roteiro: Hayao Miyazaki. Studio Ghibli, 1997.